

Helena Rotta de Camargo

Trilogia da Vida e do Afeto

Volume 3



Edição
Fac-similar

Gorjeios e Revoadas

Versos ao léu

méritos
editora

Gorjeios e Revoadas

Versos ao léu

Helena Rotta de Camargo

Trilogia da Vida e do Afeto
Volume 3

Gorjeios e Revoadas

Versos ao léu



Edição
Fac-similar

méritos
editora

2011 – 1ª versão em papel
2021 – versão fac-similar em e-book

© Livraria e Editora Méritos Ltda.
Rua do Retiro, 846
Passo Fundo - RS - CEP 99074-260
Fone: (54) 3313-7317
Página na internet: www.meritos.com.br
E-mail: sac@meritos.com.br

Charles Pimentel da Silva
Editor

Jenifer B. Hahn
Auxiliar de provas
Léo Hélio Dellazzari
Revisão final

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito do autor ou da editora,
poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados:
eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Camargo, Helena Rotta de
C172g Gorjeios e Revoadas : Versos ao léu / Helena Rotta de Camargo. –
Passo Fundo : Méritos, 2011. –
152 p. – (Trilogia da Vida e do Afeto, 3)

ISBN 978-85-89769-88-7

1. Literatura brasileira - poesia 2. Aforismos I. Camargo, Helena
Rotta II. Título. III. Série

CDU 869.0(81)-1

Ficha catalográfica elaborada por Rafael Antunes dos Santos CRB10/1898

Impresso no Brasil

*A meus netos,
Betânia e Henrique,
fonte das minhas mais belas
inspirações,
DEDICO,
com toda a efusão da alma!*

Apresentação

*“Gorjeio é bonito como o canto,
porque nele se inclui a sedução.”*

(Manoel de Barros)

Na mitologia grega, Helena era a princesa de Esparta e o símbolo da beleza transcendental. Na história contemporânea, Helena é uma consagrada poetisa passo-fundense. Filósofa, Bacharel em Letras e autora de quase uma dezena de livros, a “nossa” Helena, ao publicar esta Trilogia, assina seu passaporte para ocupar lugar de honra entre as mais reconhecidas escritoras gaúchas.

Na sequência de seus versos, a princesa das emoções traduzidas encanta pela sonoridade, pela métrica e até pela própria liberdade de escrita. Usando rimas ou não, ela conversa com a lua, dança com as estrelas, lava a alma nos beijos do sol e revoa pelo passado, presente e futuro, lembrando a infância, criticando a atual sociedade e planejando o envelhecer.

Para esse fim, faz uso de uma das mais antigas e importantes formas literárias do mundo: a poesia. Ao colocar sabor nas palavras, a autora eleva e encanta.

Todavia, como num canto, a melodia também precisa estar na alma de quem lê.

Poesia é arte, é sentimento, é liberdade de pensamento, de expressão. É o giro do caleidoscópio da imaginação. Poesia é viagem, é quase uma alucinação. Descuida-se quem tenta analisá-la, pois ela existe para ser sentida, não para ser mensurada.

Assim, tal modalidade de escrita não pode estar sujeita a interpretações fixas, uma vez que, ao lê-lo novamente e em outras circunstâncias, nem o próprio autor às vezes reconhece o texto poético como criação sua. “Fui eu que escrevi isto?” – se pergunta.

Esta forma de expressão expõe uma visão absolutamente particular de perceber o mundo. E Helena revela aqui seu próprio mundo, transcendendo-o e fazendo a alma transbordar, ao lançar a público seus pensamentos, divagações, fantasias, loucuras, e até mesmo a sua própria sensatez. Sob este ângulo, publicar poemas é um ato de coragem e de imensurável transparência. É como se o poeta se desnudasse, mostrando o que tem de mais íntimo e inigualável.

Quando nossa autora expressa, em uma das 127 composições publicadas aqui, que a lua é a rua do poeta, ela sintetiza os valores que a envolvem: sensibilidade, criatividade e amor à arte das letras. Afinal, conjugar palavras é pura arte, a qual pode até parecer vazia e ineficaz para quem lê, mas nunca para quem escreve.

No presente livro, cujas ideias vêm “como mariposas desgarradas”, Helena nos convida para um

chá da tarde com as emoções. Ela, que é capaz de relacionar a criação poética com a emoção de parir, compara a vida a uma Caixa de Pandora, e o poeta, a um inveterado bandoleiro: de dia, um rouxinol; de noite, um seresteiro. E assim consegue fazer de seus versos uma colorida primavera.

Por meio deste trabalho recheado de poesia, e dos dois outros que compõem a Trilogia da Vida e do Afeto: “MATIZES DO ENTARDECER - Crônicas do Cotidiano”, e “FULGORES, DORES E AMORES” - Respingos de uma travessia (coletânea de aforismos), a autora confirma sua trajetória, fazendo como expõe nos versos abaixo:

*Uma menina se debruça
sobre o refluxo dos anos,
a fim de resgatar as sobras
dos gorjeios e revoadas
que o tempo bagunçou...*

Escrever poemas é transbordar a alma. É não caber em si mesmo. É, como afirma a autora, revoar e resgatar as sobras que o tempo bagunçou. Por fim, é transcender, como fizeram as duas Helenas: a da mitologia e a “nossa”.

Nesta dança, entre a fantasia e a realidade, é que reside a verdadeira liberdade. Sim, tenho certeza de que, ao ler estes conceitos, nos tornaremos mais livres e também mais ricos, reflexivos e esperançosos. Afinal, transborda aqui o sentimento, com sabedoria, que a autora usa ao compor suas metáforas: ser gangorra na tarde, e de noite, farol...

Permita-se, leitor, o deleite de revoar e ser embalado pelas doces e, ao mesmo tempo, provocantes palavras “gorjeadas” por Helena. Sua alma agradecerá. Como afirma a própria autora, a poesia é irmã-gêmea da prece, enquanto sua materialização, por meio da escrita e sua assimilação, pela leitura, disseminam luz e esclarecem.

*Escrevo, sim,
para que a massa fermente,
e o pão maduro sacie
a fome de claridade,
que mantém às escuras
os sonhos da humanidade...*

Leiamos, sim, amigos! Pois, com certeza, encontraremos aqui uma boa leitura, para emprendermos uma bela revoada...

Dr. Osvandré e Marilise Lech
Passo Fundo, verão de 2011.

Sumário

<i>Apresentação</i>	9
<i>1. Alegria, alegria</i>	19
<i>2. Ilusão de ótica</i>	20
<i>3. Sutilezas da noite</i>	21
<i>4. Pássaro gigante</i>	22
<i>5. Frenesi</i>	23
<i>6. Palhaços</i>	24
<i>7. Bugigangas</i>	25
<i>8. Aquarelas</i>	26
<i>9. Síndico</i>	27
<i>10. Bem-aventurança</i>	28
<i>11. Recomeço</i>	29
<i>12. Fagulhas</i>	30
<i>13. Águas do tempo</i>	31
<i>14. Rei Sol</i>	32
<i>15. Fênix</i>	33
<i>16. Trem-fantasma</i>	34
<i>17. Cupido</i>	35
<i>18. Quero o bem</i>	36

19. <i>Estupidex</i>	37
20. <i>Do ventre ao verso</i>	38
21. <i>Festa da harmonia</i>	39
22. <i>Nostalgia</i>	40
23. <i>Alegorias</i>	41
24. <i>Antagonismos</i>	42
25. <i>Entrevero</i>	43
26. <i>Abandono</i>	44
27. <i>Apelo</i>	45
28. <i>Gravidez tardia</i>	46
29. <i>Nocaute</i>	47
30. <i>Pincel e tela</i>	48
31. <i>Elegia da penumbra</i>	49
32. <i>Apocalipse</i>	50
33. <i>Parentesco</i>	51
34. <i>Turbinas em pane</i>	52
35. <i>Águia liberta</i>	54
36. <i>Garimpagem</i>	56
37. <i>Proibições</i>	57
38. <i>Fibrilação</i>	58
39. <i>Poema sideral</i>	59
40. <i>Coração bandoleiro</i>	60
41. <i>Refolhos</i>	61
42. <i>Dama imperial</i>	62
43. <i>Gorjeios e revoadas</i>	64
44. <i>Súplica</i>	65
45. <i>Metamorfose</i>	66

46. <i>Julgamento sumário</i>	67
47. <i>Alvorecer</i>	68
48. <i>Pégaso</i>	69
49. <i>Enigmas</i>	70
50. <i>Elos perenes</i>	71
51. <i>Verso em V</i>	72
52. <i>Xeque-mate</i>	73
53. <i>Palavras</i>	74
54. <i>Renovação</i>	76
55. <i>Pão maduro</i>	77
56. <i>Vida em cadeia</i>	78
57. <i>Alma-flor</i>	79
58. <i>Toada da bonança</i>	80
59. <i>Gestação</i>	81
60. <i>Ovelha negra</i>	82
61. <i>Mil faces</i>	84
62. <i>Andanças</i>	85
63. <i>Velha roca</i>	86
64. <i>Sombra minha</i>	87
65. <i>Grilo em verso</i>	88
66. <i>Desconforto</i>	89
67. <i>Expectativa</i>	90
68. <i>Sedução</i>	91
69. <i>Libertação</i>	92
70. <i>Fugacidade</i>	93
71. <i>Sonho voador</i>	94
72. <i>Lua minguante</i>	95

73. <i>Fórmula mágica</i>	96
74. <i>Soldados feridos</i>	97
75. <i>Tempo afirmativo</i>	98
76. <i>Lençol da paz</i>	99
77. <i>Antiguidades</i>	100
78. <i>Praia repleta</i>	101
79. <i>Retalhos de vida</i>	102
80. <i>Maturação</i>	104
81. <i>Gato chucro</i>	105
82. <i>Legado familiar</i>	106
83. <i>Guia fiel</i>	107
84. <i>Máscaras e verdades</i>	108
85. <i>Arte e beleza</i>	109
86. <i>Malvadeza</i>	110
87. <i>Cinderela</i>	111
88. <i>Purificação</i>	112
89. <i>Aprendizados</i>	113
90. <i>Emissária do mal</i>	114
91. <i>Bênção</i>	115
92. <i>Riso morto</i>	116
93. <i>Encontro</i>	117
94. <i>Aguaceiro</i>	118
95. <i>Derrocada</i>	119
96. <i>Ciranda poética</i>	120
97. <i>Destinos</i>	121
98. <i>Filigranas</i>	122
99. <i>Mariposas</i>	123

100. <i>Parceria eficaz</i>	124
101. <i>Picadeiro</i>	125
102. <i>Carranca secular</i>	126
103. <i>Fragmentos do vazio</i>	127
104. <i>Amigo do peito</i>	128
105. <i>Revanche</i>	129
106. <i>Viva o verde!</i>	130
107. <i>Fogo-fátuo</i>	131
108. <i>Sinos da liberdade</i>	132
109. <i>Estupor</i>	133
110. <i>Novos tempos</i>	134
111. <i>Janela aberta</i>	135
112. <i>Chove, chuva!</i>	136
113. <i>Paz e céu</i>	137
114. <i>Retorno ao passado</i>	138
115. <i>Devaneios</i>	142
116. <i>Namoro e valsa</i>	143
117. <i>Prenúncio</i>	144
118. <i>Saciedade</i>	145
119. <i>Bom dia!</i>	146
120. <i>Goteira</i>	147
121. <i>Um domingo antártico</i>	148

Alegria, alegria

Quero a alegria colada ao corpo,
como um adesivo de fragrâncias múltiplas.
Quero a alegria impregnada nas mãos,
para o ofício festivo de bater palmas.

Quero a alegria presa aos cabelos,
como uma tocha a luzir na treva.

Quero a alegria calçada nos pés,
para as caminhadas sobre o horizonte.

Quero a alegria esfregando a alma,
a fim de higienizá-la dos dissabores.

Quero a alegria afinando os lábios,
para os cânticos do envelhecer.

Ilusão de ótica

A alma espia, pela fresta,
uma réstia de esperança
que ainda sobra como herança,
que lhe doure, todo dia,
o negror da solidão.

O que espera é ver a nesga
de uma estrela desgarrada,
luz inquieta, luz alada,
se enfiando entre as brumas,
pra tecê-las de fulgor.

A alma espia, e diz o facho
que, da réstia, outrora luz,
só sobrou a fantasia
que encalhou na carestia,
pois que o céu não mais reluz...

Sutilezas da noite

Não só de escuridão vive a noite.
Ela também se amarra no frisson das folhas secas;
curte a cremosa massagem da Lua cheia;
estica os braços pra bulir com as estrelas;
espia o anonimato dos motéis;
joga seu charme incandescente
sobre o clarão das luminárias;
e troca ideias com o silêncio
sobre a inutilidade dos fantasmas.

Pássaro gigante

Você embarca no ônibus,
como num sonho metálico.
Um pássaro de rodas,
com asas de vidro.

Esperanças, medos e segredos
percorrem calados
a incerteza das esquinas,
indiferentes ao aceno
das vitrines coloridas.

E o pássaro gigante
engole gente,
cospe gente,
desafiando a amplitude
da vida e das distâncias.

Frenesi

O inverno abotoa o capote,
apanha o chapéu puído,
e se despede aliviado.

Eis que os tons da primavera
se alvoroçam na palheta
e começam a pintar...

E já os brotos e as uvas,
as crianças e as aves,
os ninhos e os ovos,

se postam, de prontidão,
na cancela do quintal,
à espera do instante ideal
de entrarem em ação.

Palhaços

Sentou-se a fadiga
na espreguiçadeira.
Pensou estar em férias,
e cerrou os olhos...

Em seu colo se amontoaram
as tropelias dos anos,
quais palhaços saltitando
na ribalta do circo.

Uma vez desperta,
a fadiga pôs-se a rir...
A vida é mesmo uma piada!
Basta vesti-la de arlequim.

7.

Bugigangas

Na quermesse dos sonhos,
o artesão de esmerado talento
expõe bugigangas,
em tabuleiros de vento.

Passam nuvens,
passam borboletas,
fadas e ninfetas.

E os sonhos, talhados
em névoa, brisa e perfume,
se evoluam com elas.

Vão enfeitar as lapelas
de sutis vagalumes.

Aquarelas

As lágrimas vertem
sobre o tempo,
pérfido e sádico.

Os sorrisos sintonizam
com o tempo,
rútilo e límpido.

Basta que o sol calcine,
em sua forja,
as carrancas da melancolia,
e reverbere
as centelhas da alegria,
em tons de irisado cristal.

Síndico

Há olhares castos
e olhares sujos.

Há risos suaves
e risos crispados.

Há vozes limpas
e vozes roucas.

Há ouvidos ágeis
e ouvidos moucos.

Há almas ternas
E almas ácidas.

Onde será que o síndico
escondeu a chave?

Bem-aventurança

A brisa que me alenta,
amadurou meus gomos,
inchando seus alvéolos
com o sumo da alegria.

Mais doce do que o favo
vibrou-me o céu da boca,
ao salivar na língua
o néctar da colmeia.

E as fontes da bonança
furaram minha sede,
as nuvens me aleitaram,
e os trigais me deram pão.

Se é esse o paraíso prometido,
o oásis da bem-aventurança,
juro, por Deus, que descobri
a chave do mistério milenar!

Recomeço

Faço de conta
que minha luz
secou,
minha água
murchou,
meus anseios
viraram cinza,
no extertor
do incêndio.

Começo
tudo de novo!
Pois sei que a safra
dos amores
será farta,
como o trigo
que ondula
a messe.

Fagulhas

Espreito a Lua,
escancarando
aos sonhadores
as tinas inchadas
de claridade.

Elas se encharcam
de fagulhas
e confetes,
para o baile
das estrelas,
na vigília
das madrugadas...

Águas do tempo

Navega o sonho
nas ondas do tempo,
singrando as águas
no barco do vento.

Ele que é mestre
no leme e na proa,
rege a cantiga
que empurra a canoa.

Sonhos molhados,
loção espumante,
tudo me envolve,
num halo radiante.

Quero ir também
nesse ameno arrebol,
lavar minh'alma
nos beijos do sol!

Pressinto agora
o prazer da aventura.
Pois nada em mim
a carícia mais pura...

Rei Sol

Desligo os sensores
da vidraça.
Abro a cortina
e deixo o Sol entrar...
Ele me roça,
belisca, faz pirraça.
Que bom que é
ter um rei
pra me afagar!

Fênix

Estava certo Picasso,
ao prantear as ruínas de Guernica,
ferida por bombas incendiárias.

Disse a verdade Kafka,
ao resgatar, em córregos de sangue,
suas narrativas de opressão.

Quando o ferrão da iniquidade
inocula nas almas seu veneno,
as emoções se desintegram
em cores, vocábulo-se sons,
que só a arte, a fênix imortal,
será capaz de resgatar
para uma nova sincronia.

Trem-fantasma

A noite me enreda de carícias
em sua teia de prata.
Desliga-me as antenas
e suaviza as tensões.

As pálpebras se ajustam
ao foco dos raios derradeiros,
que espiam pela persiana
minha ansiedade decadente.

O criado-mudo,
que é também
cego e surdo de nascença,
ignora o plantão
do rádio-relógio...

E a vigília tresnoitada
se enfia
na camisola bordada,
fragilizando a guarda,
e cerrando os olhos...

O sono é um trem-fantasma.
Nele pego carona.

Cupido

Se alguém o indagar
sobre o dono da ventura,
onde mora, onde dorme,
onde esconde a doçura,

 você vá com cuidado!
 Não iluda a menina!
 Não faça mistério
 nem fuja na esquina!

Ela está é flechada,
com medo, com sede.
Um peixe no seco,
não anda, não nada.

 Tadinha! Mal sabe
 que o amor é uma rede...

Quero o bem

Não vale ser inimigo,
ter ódio,
fazer maldade.

Não vale pôr de castigo,
nem semear
falsidade.

Nos sulcos da trajetória,
permeados
de insegurança,
quero a leveza dos barcos,
e quero a paz
da esperança.

O perdão banindo o ódio.
Fé e ardor como fanal.
O amor subindo
no pódio,
para o abraço universal!

Estupidez

Quando o Sol abre bolhas
na pele dos gramados,
sangrando a seiva dos trigais
e ferindo o hálito dos lírios,

eu me sinto
um pouco órfã,
um pouco viúva,
um pouco morta.

Como é que pode
o soberano das galáxias,
que gera o pão e a flor,
ferir de morte
sua própria cria?

Do ventre ao verso

Ela é uma jovem
na claridade.
Mas o negrume
a faz mulher.
Atiça o lume,
incha-lhe o ventre.
E ei-la prestes
a dar à luz.

Acometida
de intenso transe,
rompe as barreiras
da noite fria.

Fremem as carnes,
em riso e pranto.
Geme de parto.
Gera sua cria.

Os versos prontos,
o amor saciado!
Leite descendo...
Eis a poesia!

Festa da harmonia

Quando a primavera bem-amada
se despe das mantas invernais,
para vestir a esbelta fantasia
de aromas, matizes e florais,

as aragens despertam excitadas,
na vibrante festa da harmonia,
vindo aplaudir, no tanger dos sinos,
os sons magistras da ave-maria.

A acidez das praças se inebria
de crianças, vozes e buquês,
que, em sua algazarra saltitante,
celebram o prazer do novo dia.

Ao visitar os jardins e a pradaria,
as aves transbordam seus cantares,
enquanto o sol derrama, nas janelas,
o odor das flores plenas de harmonia.

Nostalgia

O sorriso não é mais aquele
que meu rosto sardento iluminava.
Nem os olhos têm o mesmo azul
que a primavera dos anos enfeitava.

Os cabelos, coitados, desbotaram
como um tecido que perdeu a cor.
E as mãos, de tão enrijecidas,
sofrem a falta da destreza e do vigor.

Olho pra mim e vejo uma fatia,
um naquinho somente do que fui.
Tanto trabalho e esforço vale a pena,
se, à mó do tempo, todo ganho rui?

Já não sou a irrequieta garotinha
das pernas-de-pau, do bilboquê.
Mas não deixei de brincar com as pala-
vras,
que jogo no papel de A a Z.

Feliz eu fui, feliz eu sou ainda,
cercada de carinho e proteção.
Mas há um detalhe faltando nesse enredo:
a flor dos anos não bota mais botão...

Alegorias

O chão é o colchão do pobre.
A lua é a rua do poeta.
O amor é a cor do sangue.

A fé é um pé-de-cabra.
O mar é o lar da onda.
O sol é um gol de craque.

O céu é o véu da noiva.
O rio é o cio do peixe.
A paz é um faz-de-conta.

Antagonismos

Há músicas que alvejam
e músicas que sujam.

Brandura ou furor,
inocência ou pecado.

Cambraia ou aniagem,
anjo ou demônio.

Valsa, tango, bolero.
silvo, rugido, estouro.

Oh! tímpanos indefesos!
Quem dera vocês tivessem
a tecla do interruptor!

Entrevero

Conclamo as emoções
ao aconchego do regaço.

Ali elas se divertem,
como, no picadeiro, o palhaço.

É um cacoete dessas doidas
promover estardalhaço.

E juntas nos divertimos,
entre o fuxico e o abraço.

Abandono

Por que será que me deixaram só:
o zunido insistente da cigarra;
a escola dos primeiros afetos;
o festivo recital dos bem-te-vis;
o cheiro orvalhado dos jardins;
a nostalgia dos cabelos trançados;
os provocantes quitutes das avós;
o fulgor sorridente das estrelas;
o assobio do vento no galpão;
o aconchego do fogão a lenha;
e a bênção materna ao pé da cama?

A privação daquilo que se ama
só tem um termo de comparação:
o gesto insano do cadafalso...

Apelo

Não coloques teu riso
na boca da pistola!
Nem brilhem os teus olhos
no gume do punhal!

Não sejam os teus braços
tentáculos de polvo!
Nem gotas de veneno
o suor de teu ardor!

Tua voz pode ser forte,
mas não metralhadora
que ruge, fere e abate,
de sangue tinge as mãos.

Depõe essa couraça
que tem a cor do ódio!
E sai de cara limpa,
que o bem te aplaudirá!

Gravidez tardia

No tálamo dos anos,
o estupor engravida
a nostalgia donzela.

E ela, de barriga,
ainda corre no encalço
da utopia rarefeita
que, ao sonho esgarçado,
se joga e atrela...

Nocaute

Essa aragem que se instala
nas franjas do cortinado,
vertendo pingos de orvalho
nas sonolentas vidraças,
só pode ser a saudade,
arfante e bisbilhoteira,
que chega assim de roldão...

Uma gueixa convincente,
com riso de lantejoulas
e envolta em panos de cor...
Com ela, desbanco o tempo,
volto à vida e benzo a morte,
planto o grão e rego a flor...

Ao concluir a tarefa,
nocauteamos o passado,
driblamos a escuridão.
Ao pé do leito, uma prece.
E, nas asas da esperança,
o voo em busca da paz...

Pincel e tela

Uma tela em branco.
Somos assim ao nascer:
amorfos, difusos, iguais.

Mas, por suas nuances,
a vida revela-se uma pintora
perseverante e talentosa.

Seu dom maior consiste
em definir os tons
e ordenar o disforme,
na palheta de cores difusas.

E o pincel se empertiga afoito...
E o esboço começa a brotar...

É assim que a tela vazia
ganha singularidade e matiz.
Ela fala e canta, ri e chora.

Seu destino peculiar,
que é reter as nuances do tempo,
se expõe ali para sempre.

Elegia da penumbra

Chega-me esta luz mortiça,
envolta por sombras gordas.

Vem trôpega e indiferente
à volúpia do alvorecer,
que serpenteia entre as brisas,
no torvelinho das ruas.

Contra a higidez dos muros,
desdobra sonhos tardios,
enquanto, na trincheira
dos prédios opressores,
escuta o sonar agudo
de serpentes em cópula.

E a penumbra já surda,
de tanto ouvir alaridos,
pregões, disparos,
buzinas e atraques,
se alia, de repente,
à corte dos fantasmas
andarilhos e nus...

Pobre luz pusilânime,
de esgarçados suspiros,
entre os farfalhos da treva!

Em sua esticada agonia,
sem réstia nem aconchego,
ela só geme e suspira
pela efusão do arrebol...

Apocalipse

O mundo está repleto de gente.
O mundo está repleto de pedras.
A gente joga as pedras na boca.
E a boca se enche de pedras.

A gente saliva as pedras.
As pedras ficam escorregadias.
A gente cospe as pedras na terra,
e a terra se encharca de pedras.

E as pedras devoram a gente...
E as pedras devoram o mundo...

As pedras são as ofensas
que agriDEM a gente,
que agride o mundo,
que devolve as pedras,
que ferem a gente
e matam o mundo.

É o fim da gente.
É o fim do mundo.
Só restam as pedras
golpeando o caos...

Parentesco

Filhos do encanto,
os beijos cantam
seu canto.

Irmãos do abraço,
os braços soltam
seus laços.

Primos do afeto,
os sentimentos brincam,
discretos.

Tias da esperança,
as saudades esperam
lembranças.

Avós do riso,
os caramelos riem,
como os guizos...

Turbinas em pane

O gargalo dos anos
me aperta o sorriso.
A rolha entra fundo
e não quer mais sair...

Motor avariado,
turbinas em pane,
para-quedas desfeito,
nevoeiro no céu.

Nem o brilho dos fogos
que encantava serpentes,
rompe hoje a penumbra,
vibrando por mim.

Faço o que eu, agora,
avariada e descalça,
sentindo na carne,
e no osso do peito,
o achaque do tempo
caçoando de mim?

As luzes se apagam
de noite e de dia;
me agridem os olhos,
com sua escuridão!

E lembrar que fui linda,
vaidosa e laureada,
entre flores e abraços,
troféus e medalhas,
amigos e fãs!...

Adeus, minhas lides,
fornidas, vibrantes!
Meus fatos e tratos,
meu sol no apogeu!

Ninguém vive sempre
no nicho da fama,
que um dia vai-se embora,
e ignora o depois...

Águia liberta

Fiz uma reforma
em minha alma,
que pesava como chumbo
e rangia ao menor impacto.

Aparei as quinas,
vedei as frestas,
arranquei o bolor
e limei a ferrugem.

Para minha surpresa,
um milagre aconteceu!

Explodiram estrelas
no teto sombrio;
dos lustres murchos
despencaram romãs;
fadas vieram
bordar os lençóis
e cobrir de miçangas
os velhos tapetes.

E minh'alma
sorriu novamente:
calçou pelica
e vestiu-se de renda;
tingiu os lábios
e perfumou o colo,

mudando seu pique
e sua essência.

Qual águia liberta,
desconectou-se da terra,
indo morar com os anjos,
entre as alfombras do céu...

Garimpagem

O tempo breca seus ardores,
no entreato das andanças.
Põe-se a catar os diamantes
que a enxurrada arrastou.

E ele cava, escava,
peneira, joeira,
até encher a bateia
de fulgurações.

Oh! tempo garimpeiro!
Não esqueças de juntar
também as esmeraldas,
que de longe abençoaram
os desvãos empoeirados
do teu longo caminhar!...

Proibições

É proibido andar no mundo da lua;
chorar sobre o leite derramado;
procurar agulha em palheiro;
entregar os pontos.

É proibido tapar o sol com a peneira;
remar contra a correnteza;
amarrar cachorro com linguça;
pôr lenha na fogueira.

É proibido ser um chato de galochas;
dar murro em ponta de faca;
levar desaforo pra casa;
trepas pelas paredes.

É proibido servir a dois senhores;
confundir alhos com bugalhos;
ser maria-vai-com-as-outras;
meter a mão em cumbuca.

É proibido ser amigo do alheio;
dormir com as galinhas;
queimar o último cartucho;
pisar na bola.

É proibido proibir!

Fibrilação

Fiz um sumário
das emoções.
Dei-lhes um nome,
dei-lhes essência.

Convidei-as
para o chá da tarde,
um rito de prazer
e de indolência.

Retadas
essas amigas
do arroubo
e da solidão!

Para trancá-las
em minha alcova,
matei a chave
do coração.

Poema sideral

(Paráfrase de C. Drummond de Andrade)

Quando nasci, um anjo doido,
desses que paqueram as santas,
ironizou: “*Vai, ó Helena,
dormir na tenda da Lua!...*”

Eu segui o conselho do anjo,
e varei as mil e uma noites,
em busca de um leito quente,
na hospedaria celestial...

Assim que bati à porta,
todo o céu estremeceu,
e a serena estrela-d’alva,
gentilmente, me acolheu.

Então meu anjo acenou-me,
com suas asas de cetim!
E o amor que eu procurava
descobri num Querubim!...

Coração bandoleiro

Poeta – um mensageiro
que conduz o filão do pensamento,
prá muito além do carrossel do vento.

Poeta – um jardineiro
que recolhe, nos serões da madrugada,
aromas de sua alma enamorada.

Poeta - um marinheiro
que carrega, na bagagem da lembrança,
ondas de saudade e de esperança.

Poeta – um confeitoiro
que prepara, com palavras e emoção,
o bolo para a festa da paixão.

Poeta – inveterado bandoleiro!
De dia, um rouxinol;
de noite, um seresteiro.

Refolhos

Calcei as botas do tempo
e saí entusiasmada.
Queria rever minha infância,
com seus cabelos trançados;
sorver minha juventude,
fluindo como cascata;
sorrir à maturidade,
na cesta dos compromissos;
e homenagear a velhice,
no pódio das suas conquistas!

Dama imperial

Este cheiro de vida!
Este brilho de festa!
É ela que chega,
regendo a orquestra
de trinos e apitos
na voz dos sabiás.

Nas dobras do tempo,
exibe suas curvas
e abana pra brisa,
abrindo a camisa
da rosa e do cravo,
com mãos de cetim.

Seu riso, seu guizo;
o olhar de lampejo;
a boca vermelha
de ardor e desejo...
Que doce momento,
de cores e aromas
rajando o pomar!

Donzela-prodígio,
já acorda, já reina,
com cetro e coroa.
Seu colo desnudo,
sua tez de manteiga:
princesa das águas,
cantando no rio!

O mundo se prostra
aos pés desta dama,
do charme, da chama,
que varre a agonia
do frio e da neve,
tingindo o deserto
de verde e azul!

Gorjeios e revoadas

Em alguma torre distante,
uma badalada anuncia
o desenlace da infância.

Como num passe de mágica,
quebram-se os braços das bonecas,
imersão seus olhos na cegueira,
calam-se os sons em sua garganta.

Ainda envolta em fantasias,
a menina tenta reaver
o esvoaçar da pandorga,
o sumo das tangerinas,
e o desfile das estrelas,
no carrossel dos anjos.

Tanto o frescor dos lírios,
como o veludo dos pêssegos
e o quindim das fantasias,
murcharam de vez...

As tranças e os topes,
as rendas e as lendas,
bateu o vento na cerca,
despetalando sem dó.

E a menina se debruça
sobre o refluxo dos anos,
a fim de resgatar as sobras
dos *gorjeios e revoadas*
que o tempo bagunçou...

Súplica

Algemas não são braceletes
para ostentar nos pulsos.
Mas campainhas que tilintam,
anunciando a rendição.

Ferrolhos e grades,
reclusão e nostalgia:
é a liberdade amargando
a acidez da ignomínia.

Sangram as veias do ódio
e a lucidez se esvai,
ao aceno da força,
nos degraus do patíbulo...

Ó Deus do bom-senso
e da sapiência infinita,
por que deste o arbítrio
a quem não sabe usá-lo?

Esses bufões sem escrúpulo,
de entranhas roídas pela ira,
enxovalham teus projetos,
renegam seu destino de luz!

Suplico por eles todos
o teu olhar de clemência:
Que o bem dilacere o mal,
e o amor cale a voz do ódio!

Metamorfose

Ao longo da travessia,
pelos penhascos do tempo,
cresceram-me asas
que, nos céus da ventura,
me ensinaram a voar.

Nas mãos, brotaram-me gestos
de sementeira e bênção.
Nos pés, se aliaram em penca
os brotos da fertilidade.

Mas, com o passar das décadas,
os vendavais me podaram
o arroubo e as asas,
ceifando-me assim
a verve e o voo.

Hoje sou uma nuvem,
a repartir seu abraço
de frescor e sombra,
aos que buscam o aconchego
de um abrigo seguro
contra as labaredas do mal...

Julgamento sumário

Entre a terra empoeirada
e o firmamento reluzente,
há almas maquiavélicas
e almas complacentes.

Daí a proscrição da iniquidade,
a gemer no fogaréu do inferno!
É lá o confinamento perpétuo
dos vilões e malfeitores.

Assados e consumidos
na grelha ardente de Satã,
não lhes restará tempo
para a fuga ou o revide.

Alvorecer

Quando a aurora se volatiliza,
retalhando o sono em pedacinhos,
os rouxinóis desatam sua toada,
rompendo os diques do silêncio,
no despertar das praças e jardins...

E os sonhos saltam animados,
daquela gruta densa de mistérios,
(Como soldados saindo da caserna!)
a fustigar, com seu relho, os pesadelos
nas ondas voluptuosas da manhã...

Pégaso

O meu sonho de criança
era ter um cavalo alado,
que brincasse com o vento,
além do espaço e do tempo.
O cavalo certamente eu tive.
Mas de asas atrofiadas,
que não aprendera a voar,
só galopava em círculos,
e enxergava apenas seu próprio umbigo...

Enigmas

Do outro lado da lagoa,
tão misteriosa e tão molhada,
que surpresas haverá
para satisfazer meus olhos?

Uma ninhada de flamingos?
Uma floresta de pitangas?

O sabor dos abraços coloridos,
no piquenique do arco-íris?

Um amor liberto e radiante
como um troféu nas mãos do sol?

Ou o lado avesso do horizonte,
com seus enigmas infinitos,
subtraindo de meus olhos,
a ventura da contemplação?

Elos perenes

Mãe e filho;
sol e brilho;
mel e favo;
rosa e cravo;
pranto e riso;
teto e piso;
uva e sumo;
guia e rumo.

Verso em V

O vento vinha ventando
um vômito de veneno,
que varria o viço do vale.

Com sua vilania voraz,
violentava a vibração
das visionárias videiras.

E o verso veio, virente,
a volutear em vapores
a sua voz de veludo.

Sobre a violência do vento,
vingou a vitalidade,
valsou o vinho da vida...

Xeque-mate

Os desenganos
que sobem pelo ralo,
vêm molestar meu sono
e minha empolgação.

E chegam sempre
dopados de veneno,
no estremecer
da convulsão.

Quem mandou sabotar
os meus caprichos?
Furar meu olho?
Cravar-me o agulhão?

Darei um xeque-mate
a esses bandidos!
Farei picadinho
do seu humor rufião!

Malta de pulhas,
à espreita de meu choro,
chega de espicaçar-me
o coração!

Palavras

Solto as *palavras* ao vento,
a rodopiar como pipas,
em festa junina.

Para minha surpresa,
ninguém lhes estende a mão,
nem as recolhe ao peito.

Ninguém as veste,
túnica bordada
para a festa do encontro.

Por que será que os humanos
não gostam de enfrentar
o gume das *palavras*?

Nem querem ouvir
suas mais francas declarações?

Talvez elas caiam sisudas,
sem cor nem brilho,
e as pessoas preferiam o riso,
mesmo desbotado
e fora de esquadro...

Outros observam as *palavras*,
ao saltarem da boca.

Mas julgam serem espinhos,
ou gosma, ou vômito,
ou setas pontiagudas...

Deveras, o mundo vive
entupido de múmias,
cujos olhos vendados
não conseguem desatar
os nós da ternura!

Essa gente olha, sim!

Mas sem o vezo da paixão,
é incapaz de decifrar
as sutilezas da afeição,
nas ruas do espírito.

Por que então persisto
em estender as *palavras*,
no varal multicolor,
pingando suas alegorias
e tatalando sua alma,
em versos que secam ao sol?

Renovação

Um dia me cansarei
de ser prudente,
cordata, benevolente.

Hei de triturar minhas crenças,
debulhar a espiga das tensões,
e escancarar,
sem trégua,
o álbum dos segredos.

Por fim, despejarei,
nos arranhões do medo,
o unguento da alegria,
trocando minhas penas,
renovando-me.

E você me terá nos braços,
um diamante lapidado,
corpo e alma em sintonia:
uma nova mulher...

Pão maduro

Escrevo para meu deleite,
não para receber aplausos.

Meus versos saltam do peito,
como o sangue que goteja,
à punção das emoções.

E se transformam em brado,
clamando por água fresca,
na aridez do deserto.

Oscilantes, percorrem a ladeira
entre o aborto e a vida,
a fragilidade e a consistência,
o medo e coragem.

Tudo em mim transpira
harmonia e construção!

Quero papel e tinta,
entre meu coração e seus vínculos,
entre minha alegria e sua corte!

Escrevo, sim,
para que a massa fermente,
e o pão maduro sacie
a fome de claridade,
que mantém às escuras
os sonhos da humanidade.

Vida em cadeia

Do útero da terra,
um manancial copioso
transborda suas águas,
no compasso das eras.

Da terra ao vento,
uma rajada de pólen
expande seus embriões
até a infinitude do céu.

Do vento à nuvem,
uma torrente de gotas
injeta a fertilidade
no cálice das pétalas.

Da nuvem ao morro,
um pedestal de bruma
compele a escuridão
aos portões do ocaso.

Do morro ao homem,
uma pulsão de aromas
irrompe suas vozes
ao repicar dos anos.

Do homem à vida,
um carrilhão de sinos
ecoa suas badaladas
na torre da saudade...

Alma-flor

Pelos charcos e jardins,
o destino abre caminhos.
Não lhe importam a desfeita
nem a traição dos espinhos.

Flores há por toda parte,
sobranceiras ou discretas.
Tons de rosa e tons de chumbo,
solidárias, desafetas...

O caráter do sujeito
um viveiro também é.
Brotam nele cor e cheiro,
diz o amor e diz a fé!

Vento norte e brisa leve,
ambos tangem seus botões.
Há nos galhos viço, e gana
de entregar-se às virações.

Vai a vida se exaurindo,
em encantos ou malícia.
Salta o broto venenoso,
e do afável, a carícia.

Deus me faça ser a erva
curandeira, perfumosa,
que esmoreça a dor do peito,
com sua seiva milagrosa.

Toada da bonança

Sou eu mesma – olhe bem! –
em carne, sorriso e coração,
ostentando meus amores,
meus achados furta-cores!...

Aprendi a dizer sim
aos apelos da afeição.
E, às estocadas da dor,
aprendi a dizer não!

Sou mulher de velhas liças,
cara limpa e alma nova.
Sou cantora desta toada
que me aleita o bem-querer.

Venha ver como estou bela,
forte e dura de morrer!

Gestação

Murmúrios do meu ventre,
que acendeis instintos maternais,
sensação de útero farto,
de semente germinando...

O acalanto do meu sangue
vos aquieta,
na intimidade
das nossas confidências.

Vinde e vede,
ruídos cá de dentro,
o afã do mundo
que por vós espera:
a flor que se abre em leque,
a luz que energiza os campos,
os cânticos trinados na janela,
o leite que me inunda os peitos,
o ardor que pulsa em minhas veias!

Oh! meus cálidos rumores!
Eu vos espero e vos saúdo!
Vós que sois o veio prodigioso,
rompendo as fendas da terra-mãe,
e jorrando auspicioso para a vida...

Ovelha negra

Enquanto as estrelas
prosseguem cintilando,
tu preferes transitar
pelos aterros de sombra.

Sobre a charneca,
arregalas os olhos,
à procura do estrume
onde enterrar os pés.

As mãos se rasgam
nos espinhos da treva,
que te excitam o sangue
ao surto da ira.

O bem e a prece
não te comovem,
que a treva se adensa
em tuas entranhas.

Infectados
pela imbecilidade,
o canto e o riso
morrem prematuros.

Coração lacrado
às brisas da afeição,
preferes o cataclismo
da malquerença.

Proteja-me Deus
contra o teu veneno!
Que eu quero viver,
para te perdoar!

Mil faces

A mulher que vocês veem,
tropeçando pelas calçadas,
sem leveza nem charme,
meio cabreira e despojada,
não é a mesma mulher
que pulsa aqui dentro,
feita de luz e sombra,
de prenhez e vácuo,

de clamor e silêncio...
A mulher compelida
a mostrar-se assim
como todos querem,
admiram, compram,
ou sonham desposar,
vive entre os guardados
que recolhi ao sótão.

Hoje sei que meus troféus
moram dentro de mim,
onde o amor me sublima,
e não onde a vaidade
preceitua a conduta.

O que vislumbro agora,
nas mãos do inverno
que me abre a porta,
é aragem fresca,
emoções genuínas,
amor em profusão,
e vida em plenitude.

Andanças

Passageira do destino,
ouço o apito do trem,
o trepidar das rodas,
a pressa azeitando os trilhos.

Está na hora do embarque:
o bilhete, a bagagem,
a bolsa entupida de lembranças,
os olhos perscrutando o devir.

E lá me vou,
de janela escancarada,
fruindo as horas insones
da quilométrica jornada.

O xale da serenidade
me aquece o espírito,
e as luvas da ternura
me envolvem as mãos.

Com trejeitos de mãe,
para além de prestimosa,
a noite me toma nos braços
e me põe pra dormir...

Trem... tram... trem... tram...
Trentram... trentram... trentram...

O que é isso, motorneiro?
Devagar com o andor,
que a santa não é de mola!

Trem..... tram..... trem..... tram.....

Velha roca

Como o amante
que trincha os favos
do amor inchado
de ouro e mel,
eu bebo o sumo
dos anos findos!
Tão grossos peitos,
tão bom colostro!
Carnuda fome
que não se rende!

Como a criança
que monta o circo,
com suas vedetes
e seus palhaços,
eu armo a rede
destas saudades,
que se equilibram
quais saltimbancos,
na corda bamba
dos sonhos mortos...

Como a boneca
desencantada,
de pano puído
e tronchos braços,
à luz mortiça
da fantasia,
eu ainda empunho,
nas longas noites,
a velha roca
que o tempo fia...

Sombra minha

Ó sombra minha,
que me acompanhas,
sempre a meu lado,
por onde eu for,
como és zelosa
nessa tarefa
de olhar por mim
e me recompor!

Abranda a febre
e enxuga o suor,
refresca os braços
e o coração.
Tu és meu sopro
de aragens mansas,
doce menina,
não fujas, não!

Grilo em verso

Toda noite o grilo vem
cricrilar no meu chinelo,
como a chamar por alguém.

Eu tento tapar o ouvido,
pois me chateia o somido.
Que bom se ele fosse zen!

O grilo segue grilando...
Parece que está chorando!
Que será que o grilo tem?

O bichinho não desiste!
Na sua cantiga assim triste,
quer mesmo é minha atenção.

E, ao fim de tanta insistência,
a inspiração, com veemência,
se enfia sob o edredom.

E o verso salta, brejeiro,
e o grilo cala, faceiro!
Seu canto não foi em vão...

Desconforto

Que som mais surdo
e desengonçado
sobe do povo
que me cerca!

Pegajosas mãos
se erguem do barro
e se estendem
para o cumprimento.

Ritos de cordialidade
ultrapassados.
Falsetas de encontros
desencontrados.

Só uma espanada
nas velhas teias,
pra devolver o asseio
à minha vibração...

Expectativa

Haverá de ser um atleta,
debruado de medalhas,
o embrião desconhecido
que pulsa em minhas entranhas?

Ou será uma boneca de louça,
de faces acetinadas,
fralda alvejada pelos anjos,
ensaiando seu primeiro esgar?

Ou talvez um guerreiro,
de punhal em riste,
transpondo os umbrais do útero,
envolto em muco e sangue?

As sutilezas do ventre,
não convém devassá-las!
Que os anjos sabem a hora
de acionar a chave
e dar as boas-vindas...

Sedução

Fio magnético
unindo os polos,
explodindo a luz...

Âncora jogada
ao mar de dentro,
em louca procura...

Seduzida,
voa a alma.
Nuvem branca,
doce ave...

Salmos sobem,
anjos descem,
entre silvos
de sereias...

Sobre o peito
dos amantes,
cai a noite.
Faz-se a paz...

Libertação

Quando a alma se liberta das algemas,
carrilhões de sinos tangem a alforria.

A acidez dos parques se inebria
de respingos, jasmins e rouxinóis.

E o regozijo que assoma, saltitante,
percorre a iluminada escadaria.

Uma serena e inefável regalia
apascenta o expedito coração,

que, baderneiro como a ventania,
voa pelos céus, em busca da ampliação...

Fugacidade

Tempo doce
de quindins,
de sereias
e arlequins.

Tempo airoso
de folguedos,
escorrendo
pelos dedos.

Tempo amigo
que não secas,
a saudade
das bonecas.

Tempo farto
de iguarias,
confeitando
as fantasias.

Tempo louco
por viver,
que morreste
sem eu ver...

Sonho voador

São anjos voadores
as nuvens de plantão,
que brincam de esquiar
sobre o trenó do vento...

Eu as contemplo,
por entre os fios azuis,
tentando decifrar
o mote desse gozo.

E sonho em virar nuvem,
para voar também,
vestida de algodão,
na cauda de um cometa.

Vou namorar estrelas,
dançar de par com elas,
e me alagar de brilhos
nas fontes do arrebol...

Lua minguante

Lívida Lua,
que me olhas
suplicante,
com essas carnes
descarnadas;
e esse olhar mortiço,
que míngua até
os meus suspiros;

Lua da seresta
e do chamego;
do sonho azul
sobre os verões;
volta, brota,
nasce de novo,
gorda de fulgores
e surpresas!

Vem cochichar,
em meus ouvidos,
tuas sigilosas
confidências!

E recitar
as ladainhas
do meu festivo
renascer!

Fórmula mágica

Ensine-me, (quem souber!)
a fórmula mágica e secreta
do elixir da juventude!

Quero encontrar a foice
que golpeie o sulco das rugas,
o escambo das próteses,
as rasteiras da memória!

Quem me fará a gentileza
de conduzir-me de volta
à operosidade dos ninhos,
onde as ilusões eclodiam?

Quero porque quero
embrenhar-me de novo,
na farra da infância doce,
gorda de frutas e sol,
de galinhas cacarejando,
de corujas espiãs!

Oh! quem me dera
reacender essa quimera
de embarcar num sonho alado,
e viver tudo outra vez!...

Soldados feridos

Enterrei no solo,
minhas sementes
de amor perfeito.

Rapidamente,
suas raízes
encheram-se de seiva
e, de colorido,
suas guarnições.

Então abençoei seu pólen,
e dei-lhes de beber
o licor da aurora.

Ao guardião da luz, confiei
o esplendor de seus matizes,
na prenhez da primavera.

Mas ele se excedeu na dose:
duplicou as moléculas de fogo
e calcinou os galhos,
condenando à ruína
o viço dos rebentos.

Carentes de frescor,
meus perfeitos amores
feneceram de exaustão...
São hoje soldados feridos,
à espera da condecoração.

Tempo afirmativo

Digo *sim* ao tempo,
que se completa, grávido
de projetos inconclusos,
chamadas não atendidas,
camélias murchas no vaso,
faróis em sinal de advertência.

Digo *sim*, e o tempo,
surpreso de sua derrocada,
pactua, com o calendário,
a última dose do bálsamo
guardado no frasco dos anos.

Digo *sim*, sem tempo
de preencher os sulcos,
contornar os trombos,
apaziguar as mialgias
que ele mesmo provocou.

Digo *sim*, e agarro o tempo,
um sonâmbulo perdido
na noite dos séculos,
que eu ainda insisto
em resgatar das sombras.

Agora, *eu sou o tempo*,
que se despoja e amansa,
qual solitária cotovia,
à procura do albergue,
onde o repouso seja pleno
e dure para sempre...

Lençol da paz

A noite fecha
a porta de sua teia
e aciona a chave
com presteza.
Teme a invasão
de assaltantes
disfarçados
em estrelas cadentes.

As fantasias
que ela preserva,
no regaço da Lua
esmaecida,
são retalhos
de desejos mudos,
à procura de luz
e proteção.

Enquanto as nuvens
se desnudam
para os rituais
do acasalamento,
os pirlampos
desligam as antenas,
adormecendo
suas lanternas,
sob o lençol da paz.

Antiguidades

Fui à feira do envelhecer.
Queria ver como são os cabelos,
os dentes, os ossos pururucas,
e as faces amarrotadas
como a cara do chuchu.

Foi uma agradável surpresa:
a feira era de antiguidades!
Tudo polido, envernizado.
Um reluzir de peças nobres,
sóbrias, mas harmoniosas.

E a resposta veio como um mantra:
velharias têm sim sua beleza própria,
seus valores e padrões originais.
(Quem foi que falou em decadência?)

A descoberta reacendeu meus brios.
E o velho riso reapareceu no espelho...

Praia repleta

Na solidão mística da madrugada,
os sentimentos calam,
ante a magnitude do silêncio.

Há um frescor de olfatos,
um sussurrar de jatos,
disputando os espaços
da contemplação.

Sutilmente,
crescem os anseios,
quinquilharias dispersas
no porão dos anos,
acres, doces, sujos, castos,
como as fantasias represadas
no brete da escuridão.

Vem a manhã,
com sua corte de gandaias,
locupletar as praias
do coração vazio...

Retalhos de vida

No alto do campanário,
o carrilhão anuncia
o desenlace da infância.

Quebram-se os braços das bonecas.
Imergem seus olhos na cegueira.
Cala-se o choro na garganta.

Receosa de extraviar as fantasias,
ante o futuro traiçoeiro,
põe-se a menina a resgatar
os elos das antigas afeições.

Recolhe o sumo das tangerinas,
o esvoaçar da pandorga,
o alvor imaculado das camélias.

Mas não consegue recompor
os contos da carochinha,
as fitas e as sandálias,
os bentinhos e as rezas,
que o tempo desalmado
abocanhou sem dó.

Foi um momento de perda
tão amargo e dolorido,
quanto ficar de castigo,

naqueles eras distantes,
por conta das travessuras.

E a inocência da menina
se debruça nas saudades,
tentando unir os retalhos
da história que se rompeu...

Maturação

O sorriso monta guarda
na cancela dos lábios,
para que o júbilo triunfe
sobre a falseta da lágrima.

Há hora de lavrar a terra,
e hora de plantar as mudas.
Há hora de regar os brotos,
e hora de dormir a sesta.

Enquanto a vida segue
e a seiva se torna densa,
o coração colhe odores
e o fruto ganha cor...

Gato chucro

Eras feliz, ao percorrer o bosque,
filosofando com os periquitos.
E, mais ainda, ao vê-los multicores,
rasgando o silêncio com seus gritos.

O sangue maduro das pitangas
escorria por teus dedos encardidos.
No chute ao gol eras um craque
e, na briga, um puma destemido.

A corda do circo improvisado
percorrias com ares de campeão.
E, no salto mortal de bicicleta,
assumias a audácia de um leão.

Um gato xucro, sem medo do perigo,
o corpo rasgavas nos espinhos.
Mas voltavas, sempre criancinha,
para a bênção da mãe e seus carinhos.

Legado familiar

Degusto seus grãos maduros,
inchados e borbulhantes,
com o prazer da criança
que chupa um pirulito.

No desfile glamouroso dos cachos,
por alamedas de rendados baldaquins,
vejo Baco empunhando o cetro
da fartura e da virilidade.

E aplaudo as entranhas da terra,
com seus hormônios infalíveis
que renovam, a cada gestação,
o milagre da maternidade.

Boa sombra, boa fruta, bom vinho,
prazer fraternal e venturoso,
regando de prazer e alacridade
a mesa de meus ancestrais.

Fiz um pacto de amor com a videira,
minha confidente e minha sócia,
na ilha encantada do quintal.

Ela que trouxe d'além-mar este legado,
esta preciosa e sumarenta tradição,
com seu carisma paroquial!

Guia fiel

Meu destino decidiu entregar-me
aos cuidados do Bem-Querer.
Pois sou qual gazela assustada,
que não sabe se defender.

É ele que orienta meus passos,
protege do perigo e da traição,
me cobre de amor e gentilezas,
e afaga docemente minha mão.

Também troca ideias comigo,
com inteligência e serenidade,
ensinando-me como escalar
os degraus da felicidade.

Olha bem no fundo dos olhos,
me alagando de prazer
e sabe acalmar meu coração,
que tem mania de sofrer.

Que bom que é
ter um guia assim,
atento noite e dia,
a velar por mim!

Máscaras e verdades

Quando criança, me ensinaram
a louvar o céu e temer o inferno,
que a vida era uma gangorra
entre a virtude e o pecado.

Sobre a terra, me disseram
da sua gestação reiterada
de flores, bichos, arroios, plantas:
inesgotável mina de tesouros.

Dos homens, descreveram-me
a dourada tez do intelecto,
os esgares do riso e do pranto,
o gume do ódio, o pitéu do amor.

Foi preciso escalar penhascos,
ventilar o perfil das crenças,
amarrotar as fímbrias do corpo,
para entender a dialética do mundo.

Quando as máscaras caíram
e a verdade veio à tona,
me vi nua, torpe, esquelada,
sem bússola, sem estandarte...

Arte e beleza

A essência da arte se revela
nas mais inusitadas situações.

Ela repousa em lençóis d'água;
bebe a acidez do musgo;
tateia o vácuo da sombra;
nutre-se de areias cálidas;
desafia as hélices do vento.

Nos fatos mais corriqueiros,
assoma a essência da arte:

Num barco à deriva,
numa folha órfã,
num olhar de súplica,
numa fera no cio,
num colo nu.

Doce, esbelta, feminina,
a arte é a sublimação
da vida e da beleza.

Malvadeza

A desfaçatez prolifera
nos palanques eleitorais,
alardeando promessas
nos jingles promocionais.

Da barganha à vigarice,
da propina à extorsão,
a mentira corre solta
e a falseta é o padrão.

Apostando na ignorância
do povo que o sufraga,
o político pilantra
a todos promete vaga.

O refinado discurso,
os escândalos brutais,
agridem o cidadão,
com suas tramas imorais.

E as raposas contumazes
das elites brasileiras
confundem a nossa gente,
sem remorso, sem fronteiras.

É a ganância que as impele
a galhofar da pobreza,
ao expandir sua fortuna,
nos cofres da malvadeza!

Cinderela

O teu semblante de anjo,
ó *menina dos meus olhos*,
me prostra assim de joelhos,
em suave contemplação.

És açucena entreaberta,
na relva da madrugada,
que me incita à devoção
e aos gestos de bem-querer.

A pureza de tua alma,
que em teu olhar se reflete,
tem o condão milagroso
de afugentar meu desgosto.

Em teu sorriso de aurora,
reencontro o brilho da fé.
E, no fervor de tua prece,
reaprendo a falar com Deus.

O frescor de tua inocência
revigora minhas forças,
e, a meu redor, dissemina
a excelsitude da paz.

Sê sempre esta Cinderela,
faces rubras de maçã,
nutrindo a vida de encanto,
no agora e no amanhã!

Purificação

Abre-se em concha
a sede de minhas mãos.
Vem acolher a chuva
e sentir a carícia das gotas,
deslizando sobre as carnes
que a solidão ressecou.

E bebo e sorvo e acalento
a bênção límpida dos céus,
que desce, em cascata rumorosa,
os penedos de mágoas e porfias.

Um batismo tão purificante,
que reverdece as convicções,
tonifica os sentimentos
e reativa a fonte do sorriso.

E eu vivo um momento
de catarse e ablução,
em que os maus agouros
se dissipam por completo,
e os desencantos cicatrizam
as suas feridas expostas.

Estou pura novamente...

Aprendizados

Há as pregações da escola
e as pregações da vida.

A educação formal
não prescinde jamais
da educação informal.

Desde o raiar da infância
até o apogeu da velhice,
temos lições a assimilar,
caminhos a percorrer,
tarefas a cumprir,
degraus a galgar,
cápsulas a digerir.

É necessário ainda
burilar experiências,
definir métodos,
decorar fórmulas
e resolver equações.

Viver é, certamente,
o mais produtivo,
vibrante e fantástico,
de todos os aprendizados!

Emissária do mal

Chamo de calhorda a ventania,
quando se ergue eriçada,
afeita à sanha e ao bote,
de uma cascavel acuada.

Ela é a emissária do mal,
cujas garras e torpedos
magnetizam nossa audácia,
zombando dos nossos medos.

Suas rajadas vêm furiosas,
empurrando os furacões,
e baforando relâmpagos,
pela boca dos trovões...

Eu abomino os chiliques
da matrona desalmada,
a vomitar sua peçonha,
lanceira de capa-e-espada.

Sou leve, serena e livre,
namoro o roçar da brisa.
E não quero a ventania
por dama de companhia!

Bênção

Há uma bênção incensando
os altares da velhice.

Essa mesma que, na infância,
era um balão multicolor;

que, na mocidade, escalava,
os galhos dos cinamomos,
pensando que fossem pérolas
as suas cachopas de grãos;

que, nos desertos do tempo,
espalhou, pelas areias,
braçadas de claridade,
no instinto de virar sol;

que percorreu as campinas
repletas de madressilvas,
a fim de colher os versos,
florindo nos seus pendões.

Há uma bênção que se espalma,
sobre as lembranças sem fim,
transformando em iguarias
as saudades que há em mim.

Riso morto

Sufoca-me o peito
a dor da lágrima,
que se debruça
sobre o ataúde,
onde jaz o riso
das manhãs puras,
das tardes cálidas,
das noites estelares.

O luto lhe apagou
o pavio dos sonhos,
e a luz dos faróis
perdidos no mar.
As aves em pranto
suspendem o voo,
pranteando a desdita
do riso infeliz...

E a lágrima triste,
vestida de luto,
cai sobre a terra,
na tumba sem flor.
E pede-lhe, aflita,
que a sede lhe mate,
levando-a de volta
ao reino do mar...

Encontro

Você chegou a mim,
de algum lugar distante,
atrás de luas sumidas
na vastidão do céu.

Você chegou a mim,
de olhar esmaecido,
em busca de uma nesga
da minha claridade.

Você chegou a mim,
- o beijo agonizante –
pra recolher fagulhas
que me caíam dos lábios.

Você chegou a mim,
na solidão submerso,
pra despejar sua alma,
nos braços da afeição.

Você chegou a mim,
sequioso de gazeios,
e uniu, pela ternura,
seu coração ao meu...

Aguaceiro

Torrencial,
o coração despeja
seus sentimentos
sobre a rua do ser.

E ela se eriça
como brotoeja,
arrelhando a vida,
fazendo a dor doer.

Não basta o calo
que importuna tanto,
e faz do calçado
um algoz feroz?

N'água do pranto,
corre manso o verso,
pra amainar a sede
dessa dor atroz...

Derrocada

Desidratadas,
as emoções secam.

Depauperados,
os sonhos fogem.

Estarrecidos,
os olhos choram.

Espezinhadas,
as dores sangram.

Empoeiradas,
as luzes murcham.

Desafinadas,
as vozes mirram.

Desiludidos,
os amores morrem...

Ciranda poética

Há pessoas que saboreiam
o sabor das palavras.
E há mágoas que gemem
o gemido dos ventos.

Há sonhos que revoam
a revoada das gaivotas.
E há derrotas que gritam
o grito dos naufragos.

Há exemplos que pregam
a pregação dos íntegros.
E há lábios que beijam
o beijo da ternura.

Há talentos que fulgem
a fulguração dos astros.
E há ofensas que escarram
o escarro da serpente.

Há sorrisos que semeiam
a semente dos abraços.
E há olhares que riem
o riso dos fantasmas.

Há venturas que cantam
a cantiga das fontes.
E há perdas que dormem
a dormição da estátua.

Destinos

Vira fuligem o tempo,
quando o rubor vai embora.

Calça as botas o vento,
se a chuva geme lá fora.

Sai do ventre a criança,
ao badalar sua hora.

A mãe refresca a esperança
na nova fonte que jorra.

Com o fluir do sorriso,
a própria dor se evapora.

E soa no peito o guizo,
quando a ventura aflora.

É assim que transcorre a vida,
essa caixa de Pandora.

Às vezes, ri embevecida,
e outras, se prostra e chora...

Filigranas

Mudo, escuro e ressequido,
só o meu desalento castrador.

Porque os suspiros das estrelas
abrasam os encantos da penumbra;

as virações que dedilham aromas,
massageiam as dores dos ciprestes;

as margaridas esperam pela aurora,
alvejando as pétalas no orvalho;

os córregos plangem suas águas,
recitando ladainhas em cordel;

os canários, na paz dos limoeiros,
modulam suas canções de bem-querer;

e a Lua – oh! a Lua dos amantes!
Essa é perita em despejar carícias

no colo sedoso e almiscarado
das nuvens que valseiam pelo céu.

Mariposas

Quantas ideias vêm a mim voando!
Parecem mariposas desgarradas...

As asas tensas, os pulmões arfando...
São enxeridas essas alopradas!

Eu fico pasma diante da falange.
E perco a fala, tal é a comoção!

As visitantes pousam em meus braços,
chegam sedentas, pedem proteção.

E a mão, tremendo, no papel resvala;
e se arrepia a própria inspiração.

Que quer de mim o bando de ninfetas?
Eu - que mal sei domar o coração!...

Parceria eficaz

No isolamento desta trincheira,
onde as flechas passam zunindo,
só aspiro e só me rendo
à parceria discreta do silêncio.

Quero seu aroma
penetrando minhas carnes!
E seu resfolegar
sussurrando nos ouvidos!

Quero confiar-lhe
meus segredos;
beber do manancial
de suas águas;
tanger-lhe
a venturosa intimidade!

Minh'alma se desfaz
em galanteios,
ao percebê-lo
amável e discreto;
sorriso franco
e belamente exposto,
no frescor dos lábios...

Eis que somos, finalmente,
dois amores redivivos,
a viver o encantamento
dessa prodigiosa sinergia!

Picadeiro

Ora palhaços, ora espectadores,
é o que nos impõe o circo da existência,
com a obrigação de sermos vencedores,
até na refrega mais intensa.

Na arena povoada de fetiches,
as máscaras falseiam a verdade,
enquanto o coração do comediante
brinca de espalhar felicidade.

A vida é, de fato, um picadeiro
das nossas mazelas e ilusões,
onde os palhaços que somos se divertem,
a forjar amores e mascarar as emoções.

Carranca secular

A terra pressente um mal-estar geral,
e sofre ânsias de regurgitar...
Percebe a chuva já no seu quintal,
entre nuvens de carranca secular.

Elas se aglomeram nas esquinas,
esfregam os olhos afogueados
e desatam suas dores, a chorar.

O céu se despe do quimono azul,
e as estrelas escondem seus cristais,
pois o sol faz de conta que apagou.

É assim que se comporta a natureza:
ora profusa de constelações,
ora taciturna e rancorosa.

E eu, ao vê-la tão descabelada,
receosa de enfrentar essa demência,
me debruço sobre os seus assombros,
à cata dos meus sonhos cor-de-rosa...

Fragmentos do vazio

Na solidão mística da madrugada,
os sentimentos calam,
ante a magnitude do silêncio.

Há um frescor de olfatos,
um sussurrar de jatos,
disputando os espaços
da contemplação.

Sutilmente, crescem os anseios,
quinquilharias dispersas
no colo do tempo,
acre e doce, sujo e casto,
como os impulsos represados
no torpor da treva.

Vem a manhã,
com sua corte de gandaias,
locupletar as praias
do coração vazio...

Amigo do peito

Afeto na taça,
mão feita de seda.

O riso florindo
nos cantos da boca.

Os olhos brilhantes
de orvalho e de sol.

Arroio que canta
seu leite e seu mel.

Gangorra na tarde.
De noite, farol.

Revanche

Quero encher de perdões
a cesta das hipocrisias:
sensação de beijo bastardo,
de bolo abatumado,
de pegajosa malquerença...

Nada haverá de vergar
o cajado que me leva à paz.

À clava da incompreensão,
oponho o meu sorriso.
E ao corisco da inveja,
a bênção de uma prece.

E já minha cesta se enche
de sabores da terra
e adejos de borboletas;
de favos sorridentes
e pingentes estelares...

Quão santa e milagrosa
é a semente do perdão!

Viva o verde!

Quero o verde
cobrindo as sepulturas;
se espreguiçando
nos parques;
embandeirando
as escolas;
reativando
a clorofila dos ciprestes;
colorindo
as esperanças humanas;
e espelhando
a silhueta do bem-querer
na alma das lagoas!

Fogo-fátuo

A foice da morte
ronda as ruas da cidade,
sedenta de sangue,
faminta de carne.

À sombra dos muros
crispados de horror,
seu gume afiado
empilha cadáveres.

Está pronta a lenha
para o fogo-fátuo...

Sinos da liberdade

Quando a primavera
se livra da friagem,
carrilhões de sinos
tangem a alforria.

A acidez das praças se inebria
de aves, crianças e jasmins,
cuja algazarra esfuziante
percorre a colorida escadaria.

Transborda de sorrisos a alegria,
ao penetrar no expedito coração
que, docemente, se extasia,
voando em busca da amplidão...

Estupor

Noitada de insônia
enferma e febril.

De gente sem leito,
sem causa e sem grei.

Nas veias da rua
é o grito que jorra.

É a carne que freme.
É a treva de breu.

Novos tempos

A síndrome do progresso
nos infestou de radiação,
tendinite e câncer.

Embalados para presente,
as prateleiras incitam
à cobiça e ao prazer.

Mas tudo tem seu preço,
nessa quermesse doida
de códigos indigestos.

A avidez é tamanha,
que até mesmo a cicuta
faz parte do cardápio!

Janela aberta

A janela abre os braços sobre o tempo,
como se alça sobre o vácuo o pensamento.

Ela devassa a luz que se requebra;
apalpa as estrias da liberdade;
assunta os corações a trepidar
sobre a rua, que chora sua orfandade.

Escuta então os alaridos,
o tropel dos sentimentos despencando,
e abana o leque para os sonhos
que espiam pelas frestas, ofegantes.

Lá vão seus colos ventilando,
suas emoções despertas, trafegando,
no vácuo das esquinas se apinhando.

Enquanto a janela suga o vento,
que sorri à púrpura das faces,
os corpos de odores andarilhos
desprendem espumas de toalete.

Cospe ainda a janela seu pigarro,
seus amores enrustidos,
seus queixumes doloridos,
expondo a nevralgia do anonimato
à indiscrição das vitrines e pregões.

A janela se abre sobre a rua,
escancarando, sem medo das flechadas,
suas intimidades e suas frustrações.

Chove, chuva!

A garoa tamborila
no espelho da vidraça,
que se embaça,
ao bafejar candente
do hálito da gente...

Estou à procura
de uma garoa andeja,
cuja carícia benfazeja
escorra pelos vidros
de minh'alma,
amornando,
de cálida ilusão,
este meu árido
e bagunçado coração!...

Paz e céu

Dia desses sonhei que eu era Deus
e fui no paraíso residir.
As estrelas me cobriram de brilhantes
e entre os santos me ensinaram a luzir.

A mesa era sortida de iguarias.
Havia papos-de-anjo e pães-de-ló.
E as nuvens, em seu traje vaporoso,
valsavam sutis como elas só.

Descobri que o lugar era uma festa
de guirlandas e canções de roda.
Nas vestes, que os ombros me cobriam,
as rendas e o cetim ditavam moda.

As crianças corriam pelos gramados,
juntando bolinhas de cristal.
E os velhos, de olhos sorridentes,
afagavam esperanças no bernal.

Jamais pensei, quando vivia na terra,
que o céu fosse tão belo assim!
Pois peço, ao Senhor daquelas bandas,
que este meu sonho nunca tenha fim.

Retorno ao passado

O tempo enterrou nas sombras,
lá longe, no fim do mundo,
os encantos e os costumes,
de valores tão profundos,
que fizeram a diversão
da criançada de outrora,
e viraram lenda agora,
sumindo na imensidão.

Quantas mágicas lembranças
de parlendas e fanfarras!

De saraus e comilanças,
com pratos fartos e jarras!

Do leite, espumando gordo,
entre os dedos da titia,
que ia ordenhar as vacas,
à hora que o sol sumia...

Havia sonhos e folguedos
que enfeitiçavam crianças;
e inesquecíveis lembranças
pra alegrar o coração.

As ingênuas brincadeiras
e as longas noites de paz,
a vida deu um safanão,
e o tempo deixou pra trás.

Sete décadas se foram,
desde a indócil meninice,
em que eu sentava no chão,
sujando a roupa de poeira;
e na sombra do galpão,
ou no pé de laranjeira,
brincava de esconde-esconde,
sempre sapeca e matreira...

Quem viveu a sua infância,
entre folias e arremedos,
se balançou, com certeza,
em carrosséis de cipó;
pintou os pelos do gato,
(requite da malvadeza!),
guardou segredos no sótão,
e sonhou com um trenó!

Bailava a dança da chuva,
com o vento arruaceiro.

Dava sumiço ao chinelo
de uma prima ou de um irmão.

Gostava de emporcalhar-se
nas enxurradas da rua
e, nos momentos de sonho,
soltar bolhas de sabão!

Pulando corda com graça,
juntando trecos de osso,
criava suas brincadeiras,
sem susto nem alvoroço.

O dia era um vale ameno;
a noite, um lençol macio.

Nada bulia com o sono,
nem do vento o arrepio.

Da menina comportada,
o decoro era o enfeite.

Laços de fita estampada,
boneca e dente-de-leite.

No rodopiar da ciranda,
valsavam os cachos louros,
e se enchia de novidades
a arca dos seus tesouros.

E que dizer da cegonha,
sempre lépida e folgada,
que chegava de soslaio,
se esgueirando pela escada?

Em seu bico perfilado,
a surpresa e a alegria:
após uma longa espera,

outro irmãozinho trazia!
Ao remexer no passado,
na jardineira florida,
nos belos sonhos alados,
na aurora leve da vida,
tão densa é minha saudade,
que o coração toma tento,
pra preservar seus guardados
no cofre do sentimento...

E eu volto à ventura antiga,
tão copiosa no meu peito!

Tão doce, meio sem jeito,
com singela pretensão:

Não quero esquecer as tranças
que emolduraram meu rosto;
não quero ter o desgosto
de perder minha criança!

Refém de enorme saudade,
sorvendo a recordação,
eu vou pela estrada afora,
envolta nesta emoção...

Sinto ainda a alacridade
das vivências expeditas;
baú de rendas e fitas,
vibrantes como a paixão...

Devaneios

Quem me dera
embrenhar-me
nas entranhas
de tua alma,
a fim de abrir a cortina
dos teus segredos,
disfarçados
de borboletas!

Quem me dera,
na calada da noite,
furar a bolha
do teu silêncio,
para desentranhar
os tesouros ocultos,
as lides enfartadas,
os cânticos mudos!

Quem me dera
reaver o fôlego
do sonho natimorto,
descobrimdo a senha
do labirinto,
onde trancaste
as chaves do coração!

E então sim,
sem freios nem receios,
correr para o abraço!

Namoro e valsa

As flores se enfileiram,
quais colegiais afoitos,
nos canteiros verde-e-rosa...

Erguem suas mãos de seda,
para apalpar as nuvens,
no afã de retê-las e afagá-las.

E elas, estiradas na vadiagem,
tentam encolher e evaporar-se,
em meio às aragens ondulantes.

No imenso parque das galáxias,
ensimesmadas, as brisas se recolhem,
ao anonimato dos espaços verticais.

Quero também minha carruagem,
salpicada de vidrilhos coloridos,
zarpando entre os bandos de andorinhas.

E meus versos, enamorados das estre-
las,
tirando-as para dançar
a valsa da celebração.

Prenúncio

Este prazer travesso
de acariciar a vida
tão asseada e luminosa,
borbulhando sua linfa
pelas fendas do desejo,
será o prenúncio
do perene encantamento?
Da beleza sem arestas?
Do aconchego espiralado,
entre as alfombras azuis
do paraíso em festa?

Saciedade

Dentro de minh'alma,
as palavras incham,
adquirem sobrepeso,
até se tornarem obesas.

Trazem a tiracolo
o farnel da inspiração
repleto de iguarias,
que se esparramam
sobre a escrivaninha.

Elas que amam
nutrir e apascentar
a fome insaciável
do coração inquieto,
fazem com ele um pacto
de harmonioso conviver:

Sentimentos e ideias,
emoções e palavras...
Não há fome que resista
a tanta fartura e pulsão!

Bom dia!

O pensamento acorda,
em seu leito de sombras,
abrindo, pouco a pouco,
as sonâmbulas cortinas.

À luz difusa do transe,
ergue as pálpebras vadias,
à procura das cores, do som,
da festiva aragem matinal.

Ele quer ver os fulgores
que abrasaram a noite;
e cortejar os sonhos
que se cobriram de mel.

Quer recolher os raios
dependurados na Lua,
- como troféus de guerra -,
ao cofre dos seus tesouros.

O despertar se assemelha
a uma trégua e um privilégio,
pois faz a vida rebrotar,
em cada novo alvorecer...

Goteira

Quando vivo um afeto,
perco o chão e o teto.
Canto estrada afora,
sem lembrar da hora.

Viro uma torneira,
dessas com goteira,
que dia e noite pinga,
enquanto o poema vinga.

E tudo se faz verso
no coração disperso.
Como se a vida fosse
um carrossel de doce...

Um domingo antártico

Nasceu taciturno o dia,
com cara de baderneiro,
entre o vento e a bruma fria.
Nem mesmo a bela gaivota
ousava sair da grota,
com medo do que viria.

Os blocos de gelo eterno,
comemoravam o inverno,
no bufar da maresia.

E a neve cobria de branco
as águas como as espumas,
os cerros como os barrancos.

O gíngado das baleias,
as soberanas do mar,
só vendo para apreciar!

Atrás da montanha esguia,
que lhe dava proteção,
amuado, o sol sumia.

Até os lobos marinhos
se aprumavam para olhar
os encantos do lugar.

Da rocha negro-nanquim,
fulgia um alvo algodão,
enfeitando o paredão.

Ninguém fica indiferente
a tão agreste beleza,
logo ali, à sua frente.

Mas o dia se destempera,
raivoso qual uma fera,
enferruscado e rufião.

E tudo então se transforma:
o riso, a festa, o passeio,
dando lugar ao receio.

Uma história até medonha,
a puxar promessa e reza,
na rude manhã tristonha.

Quando o zéfiro encrespou,
erguendo o bravo topete,
o brio se escondeu no brete.

A marola e a marolinha
viraram ondas gigantes,
provocando frio na espinha.

E o navio saltava inquieto,
na água que virou gelo,
traíçoeiro e desafeto.

Logo adiante espiava a foca,
preguiçosa como sempre,
no aconchego de sua toca.

Os pinguins e os albatrozes
cortavam o ar pesado,
entre andorinhas velozes.

Soberbas no trono esguio,
as pedras do paredão,
nem ligavam pro tufão.

O próprio leque do vento
acitava nas janelas,
ansioso de entrar por elas.

Contra o furor dogmático
do tempo devastador,
só a invocação do Senhor.

Os humanos correm mares,
levados pelo exotismo
dessas visões singulares.

E o Santo espreitava a dança
do vagalhão iracundo,
contra o homem e seu mundo.

Com ele estava sua Helena,
disposta a espalhar seus versos,
lá nos confins do Universo.

Pois a magia do planeta
só é possível sentir,
ao vê-la chorar e rir.

Foi por isso que voaram
lá pros confins da Terra,
onde o exotismo impera.

Há tanto fulgor no orbe,
tanto céu e tanto mar,
que é impossível narrar!

Ao voltar para o torrão,
lembranças e afetos muitos
trouxeram no coração...

Glória a Deus e à natureza!

Tão ricos nos seus encantos,
tão fortes na sua grandeza!

(Santo Claudino Verzeleti e Helena Rotta de Camargo.
Poema escrito a bordo do navio Antarctic Dream, no conti-
nente gelado, em 06/03/2011. Posição global: latitude 64°
- 34 minutos; longitude 62° - 14 minutos).



*N*as asas da emoção,
a autora desta obra sobrevoou
o suspiro dos campos,
o arrepio das fontes,
o prurido das gentes e cidades.

*Gravou o gorjeio dos pássaros
e recolheu suas revoadas,
pelos quadrantes do céu.*

*Dessa visão panorâmica,
brotaram os versos aqui reunidos,
desvelando a vida
e suas facetas multicores.*

*Íntimos de quem os gerou
e agora os liberta,
são fragmentos de um coração errante,
de lanterna em punho,
pois que a ventura
habita além das trevas...*